

Economia e linguagem

A linguagem das narrativas econômicas e os riscos da simplificação

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil, Comercial e Econômico da UnB. Ex-
Conselheira do CADE.

Angelo Prata de Carvalho

Advogado. Mestre e Doutorando em Direito Comercial pela Universidade de
Brasília.

Recente artigo de Jean-Paul Fitoussi¹, publicado na revista *Capitalism and Society*, aborda interessante ponto que normalmente não recebe a devida atenção na análise das narrativas econômicas: a importância da linguagem.

Nesse sentido, o autor ressalta que as narrativas de explicação dos processos econômicos têm sido marcadas por um progressivo empobrecimento da linguagem e conseqüentemente das estruturas analíticas normalmente empregadas para interpretar o presente e antecipar o futuro, com impactos relevantes sobre políticas públicas. Afinal, alterando-se a linguagem, muda-se também a percepção da realidade e de suas circunstâncias prementes.

Daí o argumento central do artigo de Jean-Paul Fitoussi²: o *mainstream* da formulação de políticas públicas, notadamente as abordagens de influência neoclássica e neoliberal, envolve uma ressignificação do glossário da economia política, altamente marcada por escolhas políticas e ideológicas. No caso específico do mencionado *mainstream* econômico, aponta o autor que o processo em muito se assemelha à criação da Novilíngua a que alude Orwell no clássico 1984, na medida em que se desenvolve por intermédio do apagamento de determinadas palavras, fatos e formulações teóricas, chegando inclusive a borrar os marcos temporais da história das ideias para apontar determinados

1 FITOUSSI, Jean-Paul. Newspeak and Economic Theory: How We Are Being Talked To. *Capitalism and society*. v. 16, n.1, pp. 1-14, 2022.

2 Idem.

pontos de vista teóricos como ultrapassados e outros como mais atuais e desenvolvidos.

O autor³ refere-se, no caso, à ocultação, pela economia política de inspiração neoclássica, de preocupações tipicamente keynesianas – como é o caso da busca pelo pleno emprego (ou mesmo a preocupação com o desemprego), a necessidade de estímulos fiscais e da construção de uma política industrial sólida, o aumento de salários – para dar lugar a outro conjunto de expressões – como competitividade, reformas estruturais, responsabilidade fiscal, austeridade, dentre outros – que, em lugar de se somarem ao catálogo de estratégias já existentes, simplesmente procuram superá-las.

A aludida ocultação de determinados termos faz parte de um processo de simplificação da linguagem econômica que decorre diretamente do excessivo reducionismo da realidade. No campo metodológico, essa simplificação da linguagem marca as premissas neoclássicas de análise econômica e, no campo da economia política, marca a política econômica formulada pelo ideário liberal.

Além da simplificação da linguagem, o autor aponta igualmente o drible na história, implementado a partir do estratagema de apresentar a teoria neoclássica como se esta fosse subsequente ao keynesianismo, já que apagar palavras e fatos históricos pode ser um ótimo artifício para obscurecer ou mesmo impedir as discussões a eles relativas: *“How to have a contradictory thought without the words to express it?”*.

O ponto importante é que, por detrás de suposta objetividade e pragmatismo de tais posições, estas se baseiam em ideologias que validam e legitimam a perpetuação de mazelas sociais como a desigualdade e o desemprego. Mais do que isso, a mentalidade neoliberal, notadamente em virtude de sua inspiração neoclássica, reflete o fenômeno que se denomina por *pensée unique* (pensamento único), sintetizado pelo conhecido *slogan* de Margaret Thatcher segundo a qual *“There is no alternative”*.

Para Fitoussi⁴, esse empobrecimento da linguagem já foi utilizado em outras oportunidades para justificar inclusive projetos autoritários como o nazismo: *“Goebbels’ project was not to force people to think like him but to impoverish language to such an extent that they could not help but think like him. Is there a better definition of la pensée unique?”*

3 Op. cit.

4 Op. cit.

Ocorre que as consequências desse empobrecimento da linguagem são nefastas não apenas para a compreensão dos problemas como para a construção de soluções, como destaca Fitoussi⁵:

“The impoverishment of language is like a shrinking of space that constantly brings us up against its limits. It narrows the fields of solutions and makes life appear as if it were not so bad after all. In this way, it produces resignation that pushes us to accept our fate. It is therefore very useful for the governments in place. Politically correct language reinforces resignation because it encourages the softening of debates and erasing of their rough edges.”

Nesse ponto, o texto converge com o pensamento de Geoffrey Geuens⁶, segundo o qual o neoliberalismo, por meio de um *pensée unique* baseado em idealização de mercado desencarnado e sem rosto, apresenta-se como forma intangível de ideologia, sendo capaz de se adaptar a toda e qualquer modalidade de crítica em razão da circunstância de que é eminentemente a-histórico e anti-sociológico.

Daí a razão pela qual o breviário neoliberal, como sugere Geuens, é invariavelmente carente de coesão teórica ou metodológica, na medida em que se beneficia da capacidade de invocação de autoridades de fontes dispersas e descontextualizadas, através de um conjunto desconexo de autores mais ou menos legítimos ou consagrados que concederiam a seus raciocínios uma aparência de profundidade ou fiabilidade⁷.

O glossário neoclássico, nesse sentido, ao adotar como objetivo declarado a criação de premissas objetivas e com caráter de cientificidade – inclusive capaz de servir para análises preditivas –, procura despolitizar escolhas eminentemente ideológicas por intermédio da utilização de parâmetros supostamente objetivos e controláveis.

5 Op. cit.

6 GEUENS, Geoffrey. Les médiamorphoses du (néo)libéralisme. Propagande, idéologie dominante, pensée unique. *Quaderni: Communication, Technologies, Pouvoir*. v. 72, pp. 47-48, 2010.

7 Op. cit.

No entanto, não se pode esquecer que mesmo tais parâmetros objetivos não podem ser compreendidos senão em seu contexto histórico e social, ainda que as narrativas que compõem procurem blindar-se com a invocação seja da autoridade da aritmética, seja com a credibilidade de autores que sejam capazes de validá-las.

Acontece que o efeito pretendido pelos formuladores de políticas públicas que se ocupam de justificar suas escolhas a partir de supostas neutralidade e cientificidade atribuíveis ao método que utilizam não resulta de um processo matemático, e sim um processo linguístico consistente na articulação de uma ideologia – altamente excludente e perpetuadora de desigualdades estruturais que fundamentam a realidade social presente – em torno de uma solução que parece única, mas que não somente não o é, como talvez seja simplesmente a que mais eficientemente reflita os interesses de um determinado grupo dominante.

Daí por que é fundamental que possamos reagir à provocação de Jean-Paul Fitoussy não só para compreender as relações entre as narrativas econômicas e a linguagem, mas sobretudo para reinserir no debate econômico várias das palavras e discussões que, exatamente por serem imprescindíveis, jamais deveriam ter sido subtraídas do glossário econômico e dos horizontes de discussão da economia.

Publicado em 13/07/2022

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/economia-e-linguagem-13072022>